

A loteria eleitoral

09 AGO 1998
JORNAL DO BRASIL

WILSON FIGUEIREDO

A sucessão presidencial deu marcha à ré, à crer nas pesquisas (em quem mais?), depois da inesperada inversão das tendências entre maio e junho. O fenômeno foi creditado ao desemprego com o qual Lula trabalhou firme, mas voltou atrás e Fernando Henrique retomou a marcha de olho na decisão no primeiro turno, se nada de anormal acontecer.

Nunca se sabe o que se passa entre o eleitor e os candidatos. Esse quadro, restaurado nas cores suaves com que se apresentava, elimina de saída a necessidade de grandes teorias. Ficam à disposição dos interessados dados políticos e sociais, descartáveis em caso de nova alteração. No percurso entre a intenção e a urna, os votos da esquerda desaparecem por tática, e não por furto como ocorre na apuração. Ou se escondem segundo a conveniência. O enigma prossegue sob a variação das aparências. Ninguém se arrisca a examinar – e muito menos concluir – a observação desse fenômeno político que fascina estrangeiros de passagem (os radicados se dispensam de preocupação): com tantos esquerdistas de salão, por que a esquerda até hoje não colheu uma supersafra?

Por que interessaria a estrangeiros entender mais que nós as razões ocultas da política brasileira? Só pode ser pretensão ou algum interesse oculto. Nós sabemos a nosso respeito o necessário para viver, e basta. Certas verdades esvaziam o encanto lúdico da política, que é um jogo inexplorado comercialmente (por esse lado) no país das loterias – do varejo do bicho ao atacado dos grandes prêmios. Só falta a loteria dos candidatos. Com a sua concessão estaria criada a fórmula para a democracia deitar raízes no Brasil. Ficou demonstrado que com exceção da eleição direta dos governantes as outras variantes de ditadura são compatíveis com eleições. Eleição de presidente e governadores, com uma sábia fórmula e um sorteio honesto, faria da plantinha tenra uma árvore secular.

A caminho das urnas, mas ainda longe, Lula não ganhou nem perdeu votos. Embolsou uns trocados – intenções de votos – e tem sobrevivido com dificuldades. Mas cresce a ameaça de ser devolvido, no primeiro turno, ao ministério paralelo que vive às moscas. Como procederá, nesse caso, o petismo da pesada? Com invasões de fazendas, ocupações de repartições públicas, bandeiras vermelhas e presença acintosa?

Quando eleição fica difícil, ou o candidato está por baixo, vale tudo. Se a campanha for para constar, tudo muda diante das evidências. Se é questão de tática, bons modos chovem no molhado. Moderação nas esquerdas não convence a quem é contra, nem agrada a quem é a favor de ação mais consistente do que pedir votos.

Toda campanha empacada volta-se para o consumidor de candidaturas. Não basta ser mais apresentável, ter figura na TV. Nada de invasões de fazendas, tiroteios, reforma agrária ao jeito do oeste americano. O programa cinematográfico fica para depois. O desprezo da esquerda pela classe média – qualquer que seja a letra do alfabeto que a classifica – tem em mira a faixa conspícua, produtora de opinião pública, bem estabelecida na escala social, vizinha da burguesia. A esquerda prefere trabalhar as faixas inferiores que, embora estejam no bom caminho, sentem-se emergentes mas desconfiadas até refazerem a cabeça pelo consumo.

A desnecessidade do segundo turno em 94 tirou o fôlego da esquerda. Começou ali, depois da breve depressão do candidato, a revisão instintiva da esquerda cética da insistência, por via eleitoral, com razões históricas a favor do socialismo, dando prioridade à moderação de um lado e aguçando a impaciência do outro.

A opção pela via eleitoral obriga a concessões para merecer votos – agradar, cortejar, fazer cursos, obter diplomas. Para tratar com eleitores, é preciso cuidado: em vez de reestatização das empresas privatizadas, por exemplo, propor auditorias (estrangeiras, de preferência), que fazem parte daque-

las formas de que o vício dispõe para homenagear publicamente a virtude. Melhor evitar o assunto.

Sofre por dentro a esquerda, quando contraria a sua natureza, porque os eleitores conseguidos mediante concessões implicam perda de votos fiéis, que não acreditam em patacoadas. Se é para fazer aquilo que sempre condenou nos adversários, fica superfluo indispor-se com velhos amigos, eleitores tradicionais, conhecidos de vista, vizinhos, parentes e crentes. Como ficam, em tal situação, os simpatizantes que não têm em boa conta o capitalismo admitido como oportunidade igual para todos? A economia de mercado só aceita compromisso com o mercado, e olhe lá. Socialmente, da classe média para baixo, a candidatura Lula não se reciclou para atender às necessidades em sua terceira encarnação. Faltam diploma superior e línguas para uso externo.

Ninguém tira da cabeça dos radicais do PT que Lula lhes deve a fortuna de votos que o levaram ao segundo turno na primeira, mesmo sem elegê-lo. O abrandamento explica a retração de votos no primeiro turno da segunda tentativa. Voto de esquerda pode ser considerado sobra de campanha aproveitável na eleição seguinte. São perfeitamente recicláveis, desde que os sinais exteriores da campanha correspondam ao que está subjacente, na proposta histórica do socialismo. A História está para a esquerda como o mercado para a direita.

Com as concessões da segunda candidatura ampliadas na terceira, nem as intenções de votos se mostram suficientes. Se a questão se decidir contra Lula no primeiro turno será o fim de alguma coisa. Não haverá para onde recuar. Segundo os mais exigentes, o eleitorado pretendido pelo PT *light* já está bem atendido no governo Fernando Henrique. É gente que não vai no pio, e sim na reeleição. Não troca o certo pelo improvável. O resto é discussão interna, tão ao gosto da casa mas não do eleitorado.